

Tão

As viagens ideológicas do senador Sarney

O senador José Sarney é um homem inteligente, sagaz mesmo, dotado das várias aptidões intelectuais necessárias ao exercício de delicadas missões políticas, isso para não falarmos em outras aptidões específicas e surpreendentes do senador, como a de mudar a cor do bigode de um dia para outro.

Assim é até possível que o novo homem da Arena, ou o homem da Arena nova, consiga êxito em sua missão de transformar o partido político do governo finalmente num partido político, quem sabe até em dois partidos políticos.

Mas a primeira sensação de como será árdua essa tarefa, Sarney deve ter colhido já na sua primeira visita a uma das arenas estaduais, no caso São Paulo.

Democraticamente Sarney chegou a São Paulo dizendo que viera para ouvir. Seguiu assim o estilo Petrônio Portella de articulação política, um estilo que produziu resultados, inegavelmente.

Portella, por exemplo, passou quase dois anos ouvindo pessoas a respeito das reformas políticas. Ficou assim a par do que seus interlocutores desejavam e do que não desejavam ver incluído nas tais reformas. Portella fez então a reforma que o governo desejava, tendo apenas o cuidado de não incluir nela o que os seus parceiros da "operação diálogo" não desejavam. Todos ficaram relativamente felizes.

No caso da "missão Sarney" a situação é todavia muito mais complicada mesmo porque nem Sarney nem o governo tem idéias precisas sobre como transformar a Arena num partido com alguma substância ideológica.

Consta que em conversas íntimas Sarney teria aventado a hipótese de a Arena transformar-se num partido da classe média e adotar a ideologia da classe média. A idéia, em princípio, é tentadora. Só falta descobrir qual é a ideologia da classe média.

E o pior é que no dia em que Arena se transformasse em partido da classe média teria fatalmente que incorporar em seus quadros alguns dos mais notórios ídolos políticos da classe média, caso típico do sociólogo Fernando Henrique Cardoso e do ex-governador gaúcho Leonel Brizola.

Numa segunda etapa, com seus quadros enriquecidos por nomes desse calibre, teríamos uma Arena, já então com a representatividade outorgada pela classe média na mão, a batalhar contra as aberturas democráticas, uma vez que é sabido que o entusiasmo da classe média pela democracia vai desaparecer no momento em que ela perceber que a abertura, nestes tempos bicudos, terá que passar inevitavelmente pelo bolso do contribuinte. Como se sabe, contribuinte no Brasil é sinônimo de classe média.

Não. Essa não é seguramente a idéia de Sarney. O senador maranhense até o momento não deu nenhum sinal de que pretende passar para a oposição. Também não deve estar nos planos de Sarney transformar o atual partido do governo numa agremiação de perfil nitidamente esquerdizante. Isso porque também é sabido que uma das características de classe média é imitar as elites, e as elites brasileiras parecem estar definitivamente comprometidas com o chamado